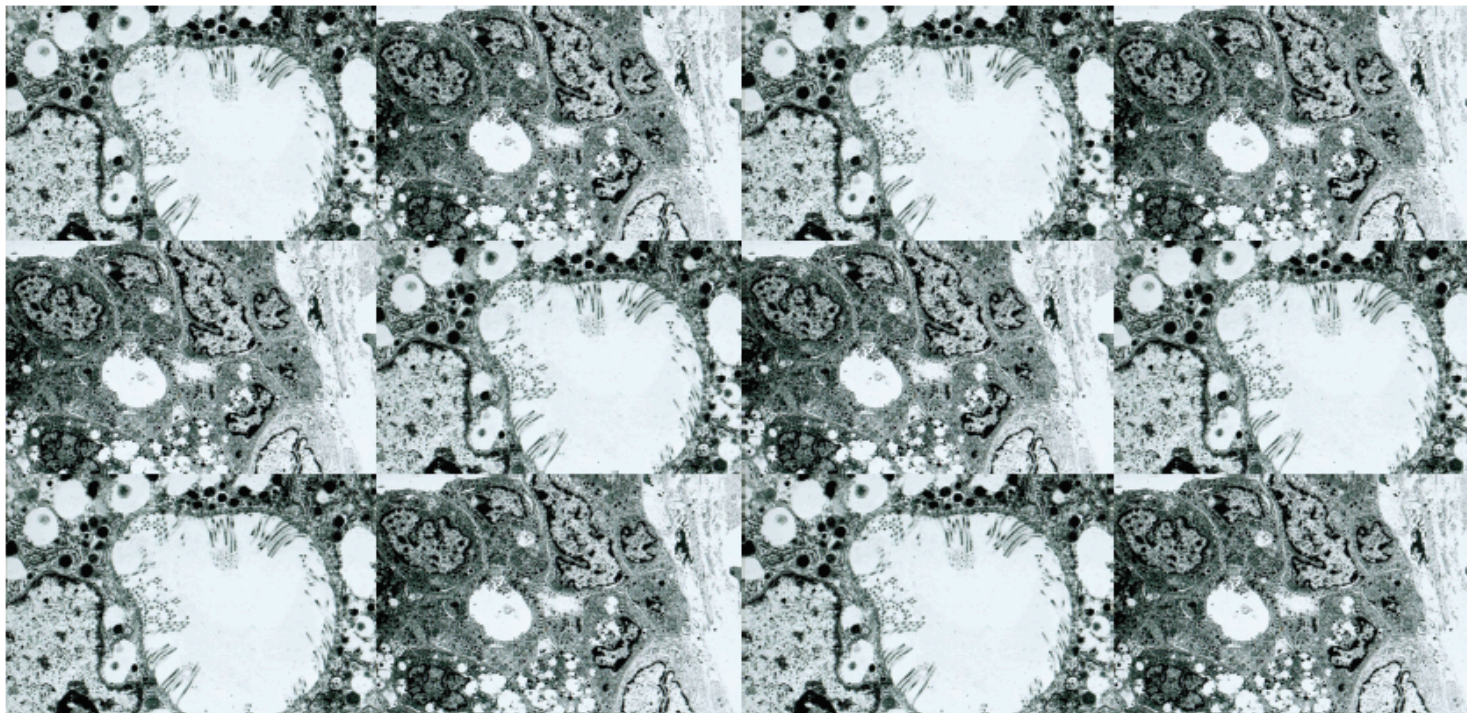


Manuel Sobrinho Simões Playlist



Manuel Sobrinho Simões Playlist

A Construção de Seres Multicelulares: do Homem à Cidade

Nós, os homens, somos seres relativamente banais em termos biológicos. As nossas células proliferam, diferenciam-se e morrem como as células de qualquer outro ser vivo. À semelhança dos outros seres multicelulares adquirimos duas propriedades essenciais à sobrevivência da espécie: substituímos a maioria das células que vão morrendo por outras, processo a que chamamos regeneração e reproduzimo-nos. A manutenção do nosso ser biológico passa por uma especialização em órgãos e tecidos, por uma comunicação eficiente dos diferentes sectores do organismo e pela renovação diária de numerosíssimas células. Somos também, e sobretudo, seres conscientes e ecogenéticos, com uma dimensão socio-cultural que ultrapassa tudo quanto se possa imaginar em termos biológicos. É nesta última dimensão que gostaria de meter, entre outros elementos humanos, sociais e políticos, a construção da Cidade.

As cidades são organizações muito complexas, constituídas por elementos estruturais de variada natureza onde nascem, vivem e morrem seres singulares, os cidadãos. Como os seres multicelulares, as cidades crescem, diferenciam-se e, ou morrem, ou são capazes de se transformar através de um processo regenerativo. Também na cidade, a especialização funcional, as trocas de energia – somos, tanto enquanto seres vivos como enquanto seres sociais, profundamente energívoros – e a comunicação, ou, melhor dizendo, as comunicações, jogam um papel fundamental. Papel que se consubstancia, por exemplo, na criação de vasos/artérias/ruas sempre que ocorre hipóxia (ou pseudo-hipóxia...), assim como no aparecimento de metástases/cidades satélites quando se ultrapassam os limites da sobrevivência local. Como também se consubstancia na emigração/imigração das gentes e na organização que vai da repartição ao centro de saúde.

A metáfora tecidual aqui aplicada à construção da Cidade encontra um campo particularmente fértil no mundo da música: Haverá exemplo mais expressivo de organismo multicelular quase-perfeito do que uma orquestra sinfónica? Só mesmo o ser humano, como a Valsinha de Chico Buarque tão bem demonstra.

Manuel Sobrinho Simões

SIDE A

01. Chico Buarque
“Valsinha”

(Vinicius de Moraes, Chico Buarque)

(p) 1971 Universal Music do Brasil, Ltda; © 1988 Universal Music do Brasil, Ltda - 836 013-2 (32)

02. Georges Moustaki
“Le Meteque”

(G. Moustaki)

(p) 1981 Polydor Paris; © 1983 Polydor Paris - 0 42281 05212 5

03. Serge Reggiani
“Le Vieux Couple”

(J.L. Dabadie, J. Datin)

Editions Beuscher (p) 1972; (p) & © 2005, Polydor (Universal Music) - 6 02498 30584 3

SIDE B

01. Jacques Brel
“Amsterdam”

(J. Brel)

(p) 1964 Barclay; (p) 1987, Polygram; © 1991, Polygram - 0 42281 64582 2

02. Leonard Cohen
“Famous Blue Raincoat”

(L. Cohen)

(p) & © 2009, Sony Music Entertainment - 8 8697-57916-2 0

03. Amália Rodrigues
“Meu amor é marinheiro”

(Manuel Alegre, Alain Oulman)

(p) 2009, Edições Valentim de Carvalho, SA; © 2009, iPlay, Som e Imagem, Lda. - 5 604931 157724